



Figura 2: Veículo francês lançador de ponte.  
Fonte: o autor, 2011.

Além disso, a inexistência de equipamentos de transposição de cursos d'água no BtlOpRib, ainda, é uma limitação. Temos esse tipo de equipamento no BtlEngFuzNav, mas a grande distância entre a área de atuação das OM dificulta sobremaneira o deslocamento desse material a ser utilizado nas OpRib. Para solucionar esse problema, poderiam ser adquiridos os mesmos equipamentos existentes no BtlEngFuzNav ou ainda equipamentos veiculares lançadores de ponte, tal como o *Engin de Franchissement de l'Avant* (EFA), empregado pelos engenheiros de combate franceses, o qual pode ser utilizado como uma ponte ou um *ferry*.

Assim, verificamos que a obtenção de equipamentos e a reformulação dos efetivos das tropas de engenharia, localizadas em ambientes ribeirinhos, possibilitarão um melhor apoio às tropas da ForTaRib, aumentando sua mobilidade, contramobilidade, suas medidas de proteção e condições de bem-estar.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-1-2:** Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2009a.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-312:** Manual de Engenharia de Combate de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2009b.

EFA. França. Disponível em: <<http://www.en.wikipedia.org/wiki/EFA/>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

SOUZA, Robert Maciel. **Operações na selva:** o Pelotão Especial de Engenharia em apoio à infantaria de selva nas fases de internamento e combate de resistência: organização, equipamento e adestramento. 2001. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2001.



CF (FN) Frederico Antonio Khoury Rebello  
[frederico@gfnlad.mar.mil.br](mailto:frederico@gfnlad.mar.mil.br)

CC (FN) Gutemberg Recife  
[gutemberg@gfnlad.mar.mil.br](mailto:gutemberg@gfnlad.mar.mil.br)

## GptFNLa participa da Operação ACRUX-V

O Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário (GptFNLa) e os meios navais do Comando do 6º Distrito Naval (Com6ºDN), caracterizados e sintonizados pelo intrínseco e intitulado conjugado ribeirinho, participaram da Operação Ribeirinha Combinada ACRUX-V. A manobra ocorreu na região compreendida entre o Porto de Ibi-cuy e a Ilha de Matasiete, na província de Entre Rios, Argentina, no período de 18 a 23 de agosto de 2011, contribuindo para o aprimoramento das Operações em Teatro não marítimo, que são aquelas realizadas por forças navais em proveito da campanha de outros Comandos, ao ser ativada a Estrutura Militar de Guerra, conforme preconizado na Doutrina Básica da Marinha (DBM).

Nessa operação, o GptFNLa participou com a 1ªCiaFuzNav (-). Oficiais e Praças compuseram o Estado-Maior do Grupo-Tarefa de Assalto Ribeirinho Combinado, de responsabilidade da Marinha do Brasil, e militares integraram a defesa da Base de Combate Flutuante (BCF), totalizando 77 Fuzileiros Navais. O período em que ocorreu a Comissão ACRUX-V foi de 02 de agosto a 15 de setembro de 2011, haja vista o limite Sul da Área de Operações (AOp) estar a 2.537 km da cidade de Ladário, perfazendo um total de 36,5 dias de mar e 6.682km navegados com os meios navais do Com6ºDN.

Ressalta-se que a ACRUX é uma Operação Ribeirinha Combinada, multinacional, interaliada, realizada entre a

Armada da República Argentina (ARA), a Armada Boliviana (ARBOL), a Marinha do Brasil (MB), a Armada Paraguaia (ARPAR) e a Armada da República Oriental do Uruguai (AROU), tendo como propósito promover a interoperabilidade e elevar o nível de adestramento dos meios envolvidos, além, notoriamente, de estreitar os laços de amizade e de cooperação entre as Marinhas supracitadas. A ACRUX é realizada a cada dois anos, alternando-se sempre o país sede, em caráter de rotatividade entre as respectivas Marinhas, sendo que a Reunião de Planejamento inicial é desenvolvida nos anos pares e a operação executada nos anos ímpares. Este ano, como mencionado, o país anfitrião foi a Argentina.

Além dos meios de Fuzileiros Navais supracitados, disponibilizados pelo GptFNLa, os seguintes meios participaram desta operação de grande envergadura:

- **MB** - Monitor Parnaíba, Navio Transporte Fluvial Paraguassu, Navio de Apoio Logístico Fluvial Potengi, Navio-Patrolha Penedo e uma aeronave IH-6B.
- **ARA** - Navios-Patrolha Murature e Rio Santiago, Navios Multipropósito Ciudad de Zárate e Ciudad de Rosário, uma Companhia de Infantaria de Marinha e um Destacamento de Mergulhadores de Combate.
- **ARPAR** - Navio-Patrolha Fluvial Itaipú, um Pelotão de Infantaria de Marinha e um Destacamento de Comandos Anfíbios.
- **AROU** - Navio de Apoio Logístico Maldonado, Navio-Patrolha Colônia e um Pelotão de Fuzileiros Navais.

A Força-Tarefa Ribeirinha (ForTaRib) foi comandada por um Oficial da ARA, estando organizada com um GT Fluvial, comandado por um Oficial da AROU; um GT de Assalto Ribeirinho Combinado, comandado por um Oficial da MB; um GT Aéreo, comandado por um Oficial da ARA; e um GT de Operações Especiais, comandado por um Oficial da ARA. Segue a Organização por Tarefas (OrgTar) da ForTaRib.

Durante o curso da operação, diversificadas foram as tarefas executadas pelos Grupos-Tarefa (GT) da organização da Força-Tarefa Ribeirinha Combinada (FTRC), cabendo mencionar aquelas executadas pelo GT de Assalto Ribeirinho Combinado, comandado pela Marinha do Brasil, tais como: atacar, conquistar e manter objetivos em terra, por meio de um Assalto Ribeirinho Combinado; ocupar pontos estratégicos em terra; e controlar o tráfego fluvial na AOp, no intuito de contribuir para que a FTRC alcançasse o propósito de controlar a Hidrovia Piraputanga-Piraí entre o Porto Ibicuy e a Ilha Matasiete, situação gerada por um problema militar (fictício).

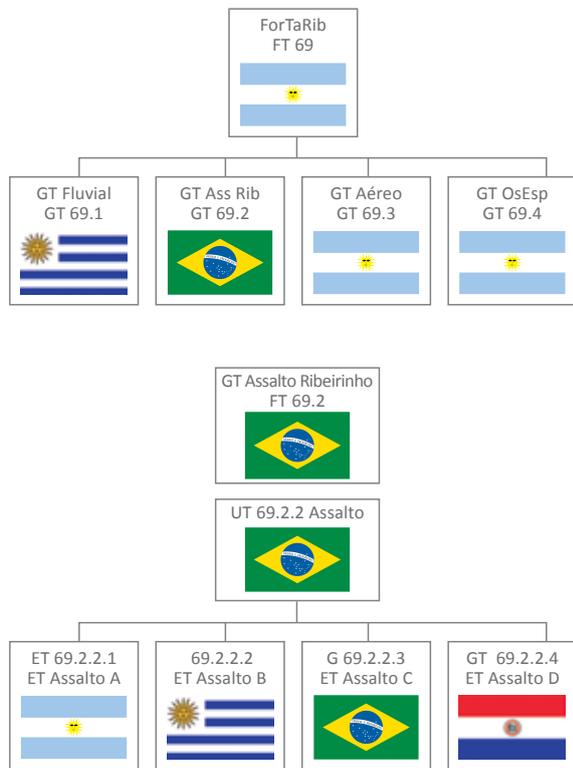


Figura 1: Monitor Parnaíba e, ao fundo, NTrFluParaguassu (MB), Navios Multipropósito Ciudad de Zárate e Ciudad de Rosário (ARA), Navio de Apoio Logístico Maldonado e Navio-Patrolha Colônia (AROU).  
Fonte: Seção de Comunicação Social do GptFNLa, 2011.



Figura 2: Navios da FT-69.

Fonte: Seção de Comunicação Social do GptFNLa, 2011.



Figuras 3 e 4: Organograma da FT- 69 e do GT de Assalto Ribeirinho Combinado 69.2.  
Fonte: ACRUX-V, 2011.

A forte presença de representatividade do Poder Naval Brasileiro na Operação ACRUX-V, constituída pelos meios do Com6ºDN, consolida uma vocação da Marinha no Pantanal, não só de navegar na imensa e histórica Hidrovia Paraguai-Paraná, mas também de espriar seu poder versátil e útil sobre terra, ampliando, dessa forma, seu poder dissuasivo como instrumento para a defesa dos interesses do Brasil na fronteira oeste do nosso País, quando e onde for necessário.

Durante a ACRUX-V, o GptFNLa, como vetor terrestre da projeção de poder do conjugado ribeirinho, demonstrou que os Fuzileiros Navais conferiram a prontidão operativa necessária ao Poder Naval, aumentando, significativamente, sua capacitação de atuar tempestiva e eficazmente em qualquer sub-região do Pantanal na grande bacia fluvial Paraguai-Paraná, sempre em permanente condição de pronto emprego.

Nesta oportunidade, 77 Fuzileiros Navais do GptFNLa puderam operar em um específico ambiente operacional com baixas temperaturas (variando de 0°C a 10°C) e com rajadas de vento de até 35 nós, condições climáticas bem distintas daquelas geralmente encontradas na área de jurisdição do Com6ºDN. Esse aspecto possibilitou não só avaliar o aprestamento da tropa como também verificar a adequabilidade do material e dos meios hoje disponíveis, contribuindo, de forma incontestante, para o melhor preparo dos Fuzileiros Navais, o aprimoramento doutrinário e um satisfatório apoio logístico.

Assim sendo, nesse escopo, numerosas foram as lições aprendidas, as quais serão mencionadas a seguir.

1) Haja vista a descentralização das ações e as características do combate e do ambiente ribeirinho, é notório

que, para um melhor aproveitamento e intensificação do adestramento, deve haver diversificadas interações entre o Figurativo Inimigo e as tropas terrestres dos países partícipes, a fim de permitir a prática do Ciclo OODA (Observação, Orientação, Decisão e Ação - Guerra de Manobra), o que proporcionaria uma permanente preocupação com decisões rápidas, porém adequadas, exequíveis e aceitáveis (Teste da AEA). Ademais, possibilitaria, também, o intenso uso da técnica de *brainstorming* e de modelos de documentos que propiciasse maior agilidade na decisão do Comandante.

2) Foi verificado que em uma Operação Ribeirinha cresce, acentuadamente, de significância a elaboração de um Plano de Apoio de Fogo (PAF), considerando o emprego coordenado do armamento dos navios, das unidades de Fuzileiros Navais e dos meios aéreos. O PAF conterá a lista de alvos pré-planejados, em ordem de prioridade, a designação das armas e munições e os efeitos desejados (ED), tais como neutralização, interdição, inquietação ou destruição. Este plano inclui as medidas de coordenação de apoio de fogo, permissivas ou restritivas, normalmente utilizadas em operações terrestres e anfíbias. Além do PAF e da elaboração do Plano de Coordenação de Apoio de Fogo, é de vital importância, sem sombra de dúvida, o estabelecimento da agência principal, o Centro de Coordenação das Armas de Apoio (CCAA), por meio do qual o ComForTaRib exercerá a coordenação geral do apoio de fogo.

3) No intuito de amplificar a interoperabilidade dos meios envolvidos, vislumbra-se a possibilidade de constituir, de forma integrada, uma Subunidade de um determinado país com Pelotões de Fuzileiros Navais ou Infantes de Marinha dos demais países participantes como, por exemplo, a estruturação temporária de uma CiaFuzNav da MB com um Pel da ARA, um Pel da AROU e um Pel da ARPAP, para a execução específica dessa operação.



Figura 5: Ensaio do desembarque, Zárate, Argentina.  
Fonte: o autor, 2011.

4) A atuação dos Fuzileiros Navais da MB em um ambiente operacional específico com baixas temperaturas e com rajadas de vento, condições climáticas distintas da área do Com6ºDN, comprometiam a segurança do desembarque da tropa com os meios atuais disponíveis. Apesar disso e das considerações de uniformes e equipamentos adequados para atuarem nesse distinto ambiente operacional, que serão expostas a seguir, houve

uma aclimação e adaptação bastante satisfatória dos Fuzileiros Navais na supracitada área. As principais considerações quanto aos equipamentos utilizados foram:

4.1) *Uniformes e Equipamentos*: Para adequar a tropa de Fuzileiros Navais a operar em cenários de frio intenso, semelhante ao enfrentado durante a operação ACRUX V, ampliando as áreas de possível emprego de nossa Força Expedicionária por Excelência, torna-se necessário que o Sistema de Abastecimento da Marinha disponibilize material adequado para o frio, conforme descrito abaixo:

4.1.1) *Agasalhos*: os abrigos de lã hoje existentes apresentam a deficiência de reterem muita umidade quando empregados em áreas alagadas ou em períodos de chuva. As juponas camufladas operativas, que foram utilizadas durante a Operação, empréstimo do 3ºBtlInfFuzNav, também não são impermeáveis. Assim sendo, torna-se imprescindível a existência de juponas camufladas e impermeáveis, luvas e agasalhos completos do tipo segunda pele, com capacidade de resistir a temperaturas de até -10°C;

4.1.2) *Meias*: as meias especiais, atualmente disponíveis, proporcionam um aquecimento razoável, porém retêm muita umidade. Dessa forma, devem ser disponibilizadas meias que proporcionem aquecimento e sejam impermeáveis (GORETEX ou similar);

4.1.3) *Sacos de dormir*: devem ser disponibilizados sacos de dormir com capacidade de resistir a até -10°C em função das condições climáticas supracitadas;

4.1.4) *Emprego de isolantes térmicos e barracas iglu*: em função das características da vegetação da região e das condições climáticas, deve-se enfatizar a importância da disponibilidade destes materiais; e

4.1.5) *Mochilas*: fruto das necessidades supracitadas, as mochilas do tipo *polo* hoje disponíveis não satisfazem as necessidades operativas do GptFNLa, devendo ser verificada a possibilidade de aquisição de mochilas americanas de grande capacidade tipo ALICE.

5) As Embarcações de Transporte de Tropa (ETT) hoje existentes no GptFNLa, em função das suas características de calado, boca e comprimento, apresentam uma grande quantidade de restrições ao seu emprego, principalmente quanto à capacidade de pessoal, ao emprego de armamento coletivo, à possibilidade de embarque nos meios navais do Com6ºDN e ao cumprimento das tarefas de batimento de margem, proteção do Corpo Principal e defesa da Base de Combate Flutuante (BCF). A utilização das atuais ETT em regiões com características do rio, de ventos e da influência do mar, semelhante ao

enfrentado nas regiões da Argentina e Uruguai, agrava sobremaneira a utilização deste tipo de embarcação. Cabe ressaltar que, dos países que participam da Operação, somente o Brasil emprega este tipo de embarcação. Os demais países empregam Embarcação de Desembarque Pneumática (EDPn), além disso, a ARA, para as tarefas de defesa do Corpo Principal e defesa de BCF, emprega as lanchas do tipo GUARDIAM que, além de reparo para metralhadoras .50 ou lançador de granadas de 40mm (MK19), possui mais dois reparos para metralhadora MAG ou MINIMI. Existe um estudo para utilização e viabilização das Lanchas de Ação Rápida (LAR), ou semelhante, no âmbito do Com6ºDN, cabendo verificar e testar se as mesmas são adequadas para operar na região, bem como verificar quais adaptações teriam de ser realizadas em alguns navios do Com6ºDN, para que pudessem recebê-las.



Figura 6: Embarcações de Transporte de Tropa.  
Fonte: Seção de Comunicação Social do GptFNLa, 2011.

6) No curso da Operação ACRUX-V, além da busca incessante para promover a interoperabilidade dos meios envolvidos, conforme prevista na Diretiva Permanente, que é, de forma inconteste, um dos fatores motivadores da Operação, foi verificado que, durante a execução do Planejamento Logístico, apesar de cada país ser responsável por prover suas necessidades, deve ser levado em consideração o modo como cada um pode apoiar, com seus meios, a FTFC como um todo, crescendo de importância a realização, também, de um apoio logístico combinado, no intuito de verificar a sua operacionalidade e exequibilidade.

A execução dessa operação multinacional corroborou, de modo inconteste, para que o Corpo de Fuzileiros Navais, em um futuro próximo, consolide-se como a Força de Caráter Expedicionário por Excelência, conforme constante na Estratégia Nacional de Defesa (END), de 17 de dezembro de 2008.